

LEITURA LITERÁRIA E NOVAS TECNOLOGIAS: MUDANÇA DE PARADIGMAS

Ivanda Maria Martins Silva¹

1. INTRODUÇÃO

As novas tecnologias trouxeram avanços nas práticas de leitura e de escrita, exigindo autores e leitores ainda mais dinâmicos e capazes de reavaliar seus papéis a partir das exigências do mundo contemporâneo, marcado por uma cibercultura. Aos livros impressos, somam-se os textos eletrônicos que surgem como novas ferramentas de comunicação e interação, instaurando novos paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores.

Nesse contexto, marcado pela interatividade e pelo dinamismo dos recursos da era multimídia, a leitura literária busca encontrar caminhos, a fim de se adaptar às rápidas transformações ocasionadas pela revolução tecnológica. Como se estabelece a relação autor-texto-leitor no espaço cibernético? Qual o futuro da leitura literária no universo digital? Esses questionamentos nos motivaram a refletir sobre o papel da literatura na cibercultura, em que o texto literário revela-se como um meio de conhecimento do homem e do mundo por meio da capacidade de ficcionalização.

2. QUAL O PAPEL DA LEITURA LITERÁRIA NA ERA DA CIBERCULTURA E DO HIPERTEXTO?

Vivemos o contexto da cibercultura, nos termos de Lévy (1999), ou seja, um mundo marcado pela interatividade, em que três princípios básicos orientam o crescimento do ciberespaço: *a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva*.

Interessa-nos, neste artigo, a interconexão como canal interativo, tornando o ciberespaço o domínio das relações interpessoais múltiplas, em que a universalidade e a coletividade tornam-se características primordiais na pragmática da comunicação moderna. A interconexão relaciona-se à alteridade, à busca do outro, à fuga do isolamento, num mundo marcado pela fragmentação da identidade e pela automação. Além disso, o dialogismo também assume especial relevância nesse contexto da cibercultura, considerando-se a rede de relações intra e intertextuais, bem como o diálogo dos textos com o contexto histórico-social, como propôs Bakhtin (1993).

Diante dessa mudança de paradigmas, as relações interativas entre leitores e autores modificam-se, ajustando-se às necessidades do mundo contemporâneo. Na era do hipertexto, as práticas de leitura e de escrita começam a sofrer mudanças significativas, modificando o comportamento dos leitores, agora chamados de navegadores, como também o perfil dos autores que desenvolvem uma autoria múltipla, compartilhada, por meio da participação ativa dos receptores.

A partir das modificações na interconexão entre autores e leitores, surge a discussão sobre o *letramento digital* (SOARES, 2002), ou seja, a apropriação da leitura e da escrita

¹ FIR – Faculdade Integrada do Recife

como práticas sociais, tendo como suporte a tela do computador que funciona como espaço de difusão das informações na era da cibercultura. Desse modo, a tela como espaço de escrita e leitura revela não apenas novas formas de acesso à informação, como também exige novos processos cognitivos, novas maneiras de ler e escrever, enfim, um novo tipo de letramento.

A noção do texto virtual revoluciona as estratégias de leitura e a concepção da autoria múltipla ou compartilhada, entendendo-se o hipertexto como “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. (LÉVY, 1999, p.56).

Com a revolução do texto eletrônico (hipertexto), segundo Chartier (1997, p.07), há uma nova importância dada aos efeitos produzidos no leitor e à construção do significado pelas diferenças estruturais entre o texto impresso e o virtual.

No caso da leitura literária, a cibercultura também impõe uma mudança de paradigmas, em que o hipertexto assume papel de destaque no mundo contemporâneo dos computadores. Os gêneros literários começam a se adaptar a esse contexto, pois os leitores e os autores parecem priorizar textos curtos (contos, crônicas, poemas), dado o dinamismo da vida moderna. As narrativas longas, como o romance, por exemplo, não encontram mais o espaço privilegiado de antes.

Observando a relação entre a narrativa curta e o contexto atual, afirma Aubrit (1997, p.152) que esse tipo de narrativa está mais apto que o romance a restituir a nossa concepção fragmentada do real. Nesse sentido, qual será o papel reservado à literatura numa era em que as novas tecnologias predominam e os leitores estão ainda mais atentos à cultura de imagens?

Antonio Candido já comentava, na década de 70, a função da literatura em contato com novas formas de comunicação. Segundo Candido (1972, p.806):

Os meios modernos de comunicação, com recurso triunfante ao elemento visual, criaram alternativas para a necessidade humana de fantasia e de conhecimento simbólico da realidade. Parece, então, que a literatura não tem mais o lugar privilegiado de antes, e que não está sendo nem talvez possa ser ensinada com eficácia formadora.

Na perspectiva do autor, a necessidade de ficção manifesta-se a cada instante e a literatura funciona como resposta a essa necessidade universal, reconhecendo o texto ficcional em constante interação com os problemas sociais. Revela-se, assim, a função social da literatura que contribui para a formação do homem e começa a assumir novos rumos diante da concorrência com outros meios de comunicação.

Essa posição de Candido é retomada por vários críticos que discutem a situação da literatura a partir do advento das novas tecnologias. Ao analisar o papel da literatura nos dias atuais, Iser (1998) levanta a seguinte questão : por que nós precisamos deste meio particular (a literatura), especialmente tendo em vista o fato de que a obra literária está competindo com outros meios que têm cada vez mais um papel crescente em nossa sociedade?

Na perspectiva de Iser (1998, p.01), a literatura vem perdendo sua significância como espécie de personificação das relações culturais. No entanto, ainda segundo o autor, uma das características da literatura merece ser ressaltada como, por exemplo, a capacidade de ficcionalizar, construir mundos possíveis que dialogam com nossa realidade, seja

transgredindo convenções, seja representando mimeticamente as relações sociais, culturais entre os indivíduos.

Cornis-Pope (2002, p.6) é outro autor que se destaca, ao analisar as relações entre a literatura e o mundo digital. O autor acredita não apenas nas facilidades trazidas pelo computador, mas também num importante lugar que a literatura e as práticas de leitura literária estão assumindo rapidamente nesse contexto de revolução tecnológica. No entanto, o papel da literatura precisa ser cuidadosamente reavaliado, a fim de se garantir o espaço da leitura literária. Nossa mais urgente tarefa é, segundo o autor, integrar a literatura num ambiente global, informacional, no qual ela possa funcionar como um componente imaginativo, integrado às práticas culturais.

Como salientamos, a partir do advento da Internet, tanto a leitura, quanto as formas de comunicação escrita estão assumindo novas funções, ou seja, estamos aos poucos ajustando nossas estratégias comunicativas e interativas ao contexto dinâmico em que vivemos. Os autores e os leitores de obras literárias ajustam-se às novas estratégias de produção e recepção, estabelecendo contratos comunicativos que exigem um dinamismo maior.

A leitura assume um papel de destaque no contexto marcado pelo automatismo e pela superabundância de informações, ou seja, fatores que exigem um leitor ativo, extremamente dinâmico, capaz de selecionar quantitativa e qualitativamente informações. A partir dos diversos suportes eletrônicos e dos novos gêneros textuais que surgem na era da Internet, o ato de ler assume novos rumos e os leitores revelam-se atônitos diante de tantas informações no universo digital. Como observa Barreto (*In: MARINHO, 2001, p.209*):

Os novos textos têm texturas complexas e produzem efeitos específicos de sentidos na/pela articulação de diferentes linguagens. Variam os suportes, os materiais e as relações dos sujeitos com eles. Não há como supor sentidos únicos captáveis pelos mesmos procedimentos lingüísticos. *Outros textos implicam outras leituras, através de novas práticas para mediar as negociações dos sentidos possíveis.* (Grifo nosso).

O trabalho com esses "novos textos de texturas complexas" exige um leitor familiarizado com a articulação de diferentes linguagens na composição do texto eletrônico, bem como um decodificador capaz de perceber as redes de conexões intra e intertextuais que se sobrepõem na tessitura do hipertexto.

No entanto, parece-nos que a escola, de modo geral, ainda precisa desenvolver estratégias diversificadas, visando à formação desse leitor-navegador como aquele capaz de ultrapassar a superficialidade da leitura como mera decodificação e atingir a leitura do não-dito, das entrelinhas, enfim, a leitura crítica atrelada à transformação social. Portanto, cabe à escola também trabalhar esses textos com novas texturas e que produzem efeitos diferentes na relação com os leitores. O hipertexto, por exemplo, vem requerer novas estratégias de leitura e uma outra postura do leitor diante do universo virtual. Segundo Lajolo (2001, p.120):

O computador contribui também para os estudos literários, já que a teoria do hipertexto fortalece uma concepção de literatura que a entende como um tipo de discurso cuja leitura supõe um leitor capacitado a recuperar de forma consciente as formas de

intertextualidade — menções a outros textos — presentes em cada texto que ele lê. Nesse sentido, a leitura literária exige familiaridade do leitor com o repertório de textos com que se articula cada um dos textos que ele lê, repertório em constante expansão, mais e mais aberto, quanto mais o leitor lê.

Vários autores já discutem uma proposta para “uma educação literária na era digital”, a fim de se orientar a leitura literária em sala de aula para as novas estratégias do leitor diante do texto.

Na perspectiva de Cornis-Pope (2002, p.3), por exemplo, as tecnologias eletrônicas permitem que os alunos leiam de modo multisseqüencial, com uma liberdade maior para testar suas habilidades interpretativas, examinando, construindo e reconstruindo suas leituras diante do texto literário virtual. A leitura de hipertextos também torna os leitores mais participativos na construção do sentido textual, uma vez que o ato de ler e o ato de escrever tornam-se inseparáveis. A crítica hipertextual estimula uma “autoria compartilhada”, transformando leitores em leitores-autores ou *writers*, como propôs Cornis-Pope, pois qualquer contribuição na *web*, criada por um leitor, é rapidamente avaliada por outros leitores.

Com o advento da Internet e os avanços das novas tecnologias, a tão proclamada crise da leitura precisa ser reavaliada, se considerarmos a crescente difusão de informações no espaço da *web* e o fato de a indústria editorial estar prosperando, principalmente nos países onde existem políticas voltadas para a difusão do livro. No caso do Brasil, apesar de as estratégias governamentais não contemplarem como deveriam o mercado do livro, proporcionando a difusão da leitura, ainda assim as editoras expandem seus negócios de vendas e comercializam o livro como objeto restrito a certas camadas da população. Conforme Abreu (2002, p.01):

A suposta crise da leitura não deveria resistir ao confronto com alguns dados, como os apresentados no texto “As letras e os números” publicado no boletim número 6. Os brasileiros lêem e fazem do mercado editorial um bom negócio. Os brasileiros não só lêem, mas escrevem, soterrados sob uma montanha de textos literários submetidos aos concursos promovidos pela Bienal Nestlé de literatura – 15 mil inscrições apenas em 1994.

Ainda segundo a autora, o mito que “o brasileiro não lê” visa manter o status social e intelectual daqueles que lêem “alta literatura” e que têm formação profissional diretamente vinculada aos livros. São esses setores da população brasileira que mantêm o privilégio de opinar sobre os textos, hierarquiza-los, de decidir os que devem ser canonizados.

É evidente o aumento na difusão da escrita e da leitura como atividades que sofrem alterações e se ajustam às novas exigências do século XXI. Sem dúvida, estamos lendo e produzindo mais textos por conta das exigências do mercado e da facilidade das ferramentas tecnológicas. Seja na leitura de *homepages*, na produção de *e-mails*, na seleção de informações ao navegar na rede, nas salas de bate-papos (*chats*), nas conferências virtuais ou em qualquer outra situação comunicativa desenvolvida no espaço cibernético, o fato é que os indivíduos estão lendo e produzindo uma grande quantidade de textos. Mas o que estamos lendo e escrevendo após a revolução tecnológica? Quais as conseqüências das

novas tecnologias da comunicação e da informação nas nossas práticas de leitura e escrita? Qual a qualidade do material lido pelos leitores-navegadores?

Ao investigar as transformações em nossa práticas de leitura, após o advento da Internet, argumenta Silva (1998, p.15):

Não há como negar a existência do fenômeno da explosão de informações neste final de século/milênio. Aos suportes impressos somaram-se os suportes eletrônicos da comunicação, fazendo crescer excepcionalmente a circulação da escrita nas sociedades letradas. Com esse crescimento e frente à verdadeira avalanche cotidiana de materiais escritos, o julgamento sobre a qualidade desses materiais, orientando os processos de seleção para o uso objetivo do tempo, impõe-se como uma necessidade concreta e irrefutável.

Como podemos notar, o julgamento sobre a qualidade do material lido torna-se pré-requisito para o leitor crítico, isto é, aquele capaz de estabelecer uma relação entre a leitura crítica do mundo e a leitura da palavra escrita. Paulo Freire (1995, p.11) afirma que “a leitura crítica do mundo precede a leitura da palavra, pois linguagem e realidade se ligam dinamicamente”. Na perspectiva do autor: “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto lido e o contexto”.

O mundo é um grande texto, na visão de Freire e, portanto, precisa ser decifrado pelo leitor crítico. É justamente no diálogo entre a leitura do mundo e a leitura da palavra que se revela o leitor crítico, aquele capaz de analisar a realidade social a partir do caráter dinâmico da leitura, em que autor-texto-leitor-mundo são elementos estreitamente ligados.

O desenvolvimento de leitores críticos capazes de selecionar e armazenar informações torna-se fundamental num mundo marcado pela massificação cultural. Muitos leitores desempenham um papel de passividade diante do dinamismo das ferramentas tecnológicas, não conseguem selecionar qualitativamente informações e realizam uma recepção mecânica dos meios eletrônicos. Essa recepção mecânica está relacionada à cultura de imagens do mundo digital, em que o signo lingüístico começa a perder espaço diante dos atrativos do signo icônico, ou seja, da leitura da palavra escrita, passa-se para a leitura de imagens. Considerando o privilégio da iconicidade na era digital, afirma Mota (*In: MARINHO, 2001, p.197*):

O valor atribuído normalmente ao signo lingüístico, privilegiando a palavra escrita, desloca-se para as interações que surgem dos espaços intermediários gerados por uma linguagem hipertextual. A capacidade da leitura depende da habilidade topográfica do novo leitor, ao deslocar-se pela multiplicidade instável, característica da mídia eletrônica e digital. Nesse universo labiríntico, perder-se pode ser a melhor forma de se encontrar. Cada um diante das telas eletrônicas da TV ou do computador está exatamente onde está, o que não depende do grau de alfabetização ou da capacidade de decifrar signos lingüísticos linearizados.

Nessa perspectiva, o papel dinâmico do leitor diante do texto virtual é determinado por sua “habilidade topográfica”, no sentido de compreender o espaço cibernético,

construído e reconstruído por uma gama de *links* selecionados pelo receptor na atualização textual. Da noção de leitor, passa-se para a de *navegador*, ou seja, aquele indivíduo que, no “mar de informações” da Internet, começa a trilhar caminhos diferentes na atualização dos hipertextos.

A noção de hipertexto provoca mudanças nas relações entre autor-texto-leitor, uma vez que, como salienta Queiroz (*In: MARINHO, 2001, p.181*):

o hipertexto deixa ao leitor a opção de recompor o texto, para isso mesmo reestruturado em fragmentos. A função do autor, conseqüentemente, desloca-se no sentido do leitor, que participa da composição ou da formatação do texto pela virtualidade. A cada leitor, melhor ainda, a cada leitura, um novo texto; e a autoria se faz substituir pela co-autoria.

Desse modo, o hipertexto, construído a partir de relações intra/intertextuais, pode ser eficaz para se trabalhar com o aluno a rede de textos como processo de absorção e transformação de um texto por outro, investigando-se os vários níveis de intertextualidade. O leitor assume um papel ainda mais dinâmico na era virtual. A partir das reações dos internautas, os autores estão produzindo seus textos, tendo como base a interatividade do espaço cibernético. Segundo Cornis-Pope (2002, p.4), a tecnologia do hipertexto pode permitir aos alunos a passagem de uma primeira leitura (linear) para a exploração multisseqüencial do texto. Os hipertextos desafiam as primeiras leituras, convencionais, forçando o aluno a considerar o texto sob um novo ângulo.

Na perspectiva de Eco (2000, p.11), “a Internet é como uma enchente, não há como parar a invasão de informação”. Segundo o autor, um aspecto negativo da Internet é a abundância de informação; uma boa quantidade de informação é benéfica e o excesso pode ser péssimo, porque não se consegue selecionar qualitativamente as informações.

Nessa “enchente de informações” e diante dos atrativos do universo digital, a literatura busca meios de conquistar os leitores entusiasmados com: a cultura de massa, os gêneros biográficos e os textos de auto-ajuda, devido ao processo de massificação cultural que vivenciamos.

Na ótica de Perrone-Moisés (1998, p.206), os valores estético-literários são progressivamente vencidos por uma “cultura de massa embrutecedora, ou transformados em mercadoria de grife na indústria cultural”. Ainda na perspectiva da autora (1998, p.204), a superabundância e rapidez das informações na situação atual não permitem ao leitor nenhuma seleção real, comprometendo a visão crítica dos consumidores que se deparam com a efemeridade das informações virtuais e o crescente processo de massificação cultural.

Segundo Perrone-Moisés (1998, p.177):

A literatura, que durante séculos ocupava um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na ‘sociedade do espetáculo’(Guy Desborb), a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco à espetacularização. Enquanto os pintores e escultores do passado são aproveitados em grandes exposições, sustentadas e acompanhadas de um forte marketing, cujo resultado pode ser contabilizado em

número de visitantes e retorno pecuniário ou de prestígio para os patrocinadores, os escritores só se prestam a pequenas exposições indiretas e não tão espetaculares: fotos, ilustrações de suas obras, manuscritos. Passaram a ter mais sucesso os escritores fotogênicos ou de vida interessante, e a biografias dos mesmos começaram a ser mais vendidas do que as próprias obras. Proust, por exemplo, virou biografia, álbum, livro de receitas e de auto-ajuda.

O que diz Perrone-Moisés sobre a situação da literatura aplica-se ao espaço de sala de aula, onde observamos a falta de interesse dos alunos pela leitura literária e a valorização da biografia dos autores como se esta pudesse explicar a própria obra ficcional. Grande parte dos professores ainda cultiva a concepção do texto como pretexto para se estudar a vida do autor, buscando explicar a obra literária por meio de conhecimentos de dados biográficos, o que se pode constatar principalmente no Ensino Médio.

Reconhecendo a massificação cultural que vivenciamos, Benjamin (1985) denuncia a perda da aura das obras artísticas. Para Benjamin, a essência da arte de narrar é posta em cheque quando, modernamente, nossas experiências deixam de ser comunicáveis. Conforme o autor (1985, p.200-202), “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está em extinção”.

Analisando a crise da modernidade e suas relações com a prática pedagógica. Kramer (1993, p.53), discute, à luz do enfoque de Benjamin, como essa crise da arte de narrar pode interferir no contexto escolar:

Não terá esse ‘definimento da arte de narrar’ ou essa ‘extinção da sabedoria (o lado épico da verdade)’ profundas consequências sobre a educação, a escola e o trabalho do professor, na medida em que com a narrativa em extinção parece definir o próprio sentido de educar, ensinar, aprender? Quem narra hoje na escola? O professor? O aluno? Ou ninguém?

Nessas circunstâncias em que a troca de experiências narrativas está definindo diante, por exemplo, de formas atrativas de comunicação como os bate-papos virtuais (*chats*), os *e-mails* e tantas outras, parece-nos que o aluno dedica-se cada vez menos à leitura literária, sem que a escola consiga atraí-lo para que desenvolva de forma qualitativa e também quantitativa o ato da leitura.

Num contexto em que a informação é disputada por todos, a partir de meios de comunicação diversos, a experiência de vida e de leituras, isto é, o repertório dos leitores torna-se elemento central na discussão sobre a capacidade de selecionar textos que contribuam para o desenvolvimento da leitura enquanto atividade dinâmica de transformação e não de acomodação.

Acreditamos que não cabe à literatura competir com os meios modernos de comunicação que surgiram após o desenvolvimento das novas tecnologias. Certamente, como meio de expressão das relações sociais, políticas, históricas e culturais, a literatura sempre terá seu lugar garantido numa sociedade em que a informação ganha destaque e o conhecimento global torna-se pré-requisito para os profissionais do futuro.

O ato de ler, com o propósito da busca da informação e do conhecimento, não irá destruir ou restringir as práticas de leitura voltadas para o prazer estético do texto literário.

A leitura literária certamente pode contribuir para a compreensão crítica do mundo, reconhecendo que a obra de ficção constrói um mundo possível que dialoga com nossa realidade. As funções lúdicas, imaginativas e criativas que a literatura desempenha não perderão espaço diante de outros meios atrativos de comunicação que prendem a atenção do receptor por meio do privilégio da iconicidade.

Como afirma Melo (*In* : BARZOTTO, 1999, p.67):

O surgimento de novos meios acarreta mudanças na estrutura de produção, determinando alterações na política comunicacional dos já existentes, mas não elimina o seu uso. Cada meio passa a ter um espaço definido de atuação atendendo a expectativas e necessidades específicas do público consumidor.

Portanto, a literatura terá seu espaço garantido e assumirá papéis diferentes a partir da interação com os modernos meios de comunicação, mas a função social da obra literária e a capacidade de ficcionalização, assinaladas por Iser (1998), sempre serão fatores que contribuirão para a permanência desse objeto artístico capaz de transformar o leitor a cada nova leitura. No entanto, autores e leitores devem repensar seus papéis em face do texto literário. Nessa era digital, não poderemos continuar com uma postura tradicional diante da literatura. Os professores também devem reavaliar sua prática pedagógica quando inserirem o texto literário no contexto de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o futuro da literatura está intimamente relacionado à forma de se encarar a obra literária, que deve ser considerada como um meio de conhecer melhor o mundo e nós mesmos, enquanto leitores, promovendo-se uma articulação entre a leitura crítica do mundo e a leitura do texto literário. É preciso que os leitores descubram o mundo contido nos textos literários como um espaço para compartilhar sentimentos, atitudes, posturas vivenciadas por personagens, mas que traduzem nossas expectativas diante da própria realidade.

No universo atrativo das telas dos computadores, em que os *chats*, as *homepages*, as visitas ilimitadas aos *sites*, os *downloads*, os *blogs* e os *e-mails* ganham destaque, a leitura literária pode ficar confinada a um grupo restrito de leitores, se o objeto literário não for atualizado de forma interativa e dinâmica. Os leitores devem encarar a obra como um objeto de prazer estético, emocional e intelectual, usando-a para satisfazer suas necessidades. Nesse sentido, a obra torna-se para o leitor um meio de conhecimento, de diversão, uma forma de buscar sua identidade, influenciando sua própria vida.

Concordamos com Iser (1998, p.01), quando afirma que se um texto literário faz algo com seus leitores, ele também simultaneamente nos conta algo sobre esses leitores. A leitura literária será sempre um jogo de descobertas e negociações de sentidos, em que nós, leitores, buscamos encontrar no texto a chave para entendermos as regras do jogo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- AUBRIT, J. **Le conte et la nouvelle**. Paris: Armand Colin, 1997.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Unesp, 1993.
- BARZOTTO, V. (Org.) **Estado de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Revista de Ciência e Cultura**. v.24, set. 1972.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CORNIS-POPE, M. **Literary education in the age of hipertextuak and networked communication: strategies for an interactive critical pedagogy**. Disponível em <<http://www.liternet.revolta.com/iser/poper1.htm>> Acesso em: 25 out.2002.
- ECO, U. O dilúvio da informação. **Veja vida digital**. n.04. p.11-15, dez.2000.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo : Cortez, 1995.
- ISER, W. **The significance of fictionalizing. Anthroepoetics: the eletronic journal of generative anthropology**. n.2, 1998. Disponível em: <<http://www.humnet.ucla.edu/humnet/anthroepoetics>> Acesso em: 17 out. 2000.
- KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro : Editora 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARINHO, M (org.) **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, E. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.143-160, dez.2002.

